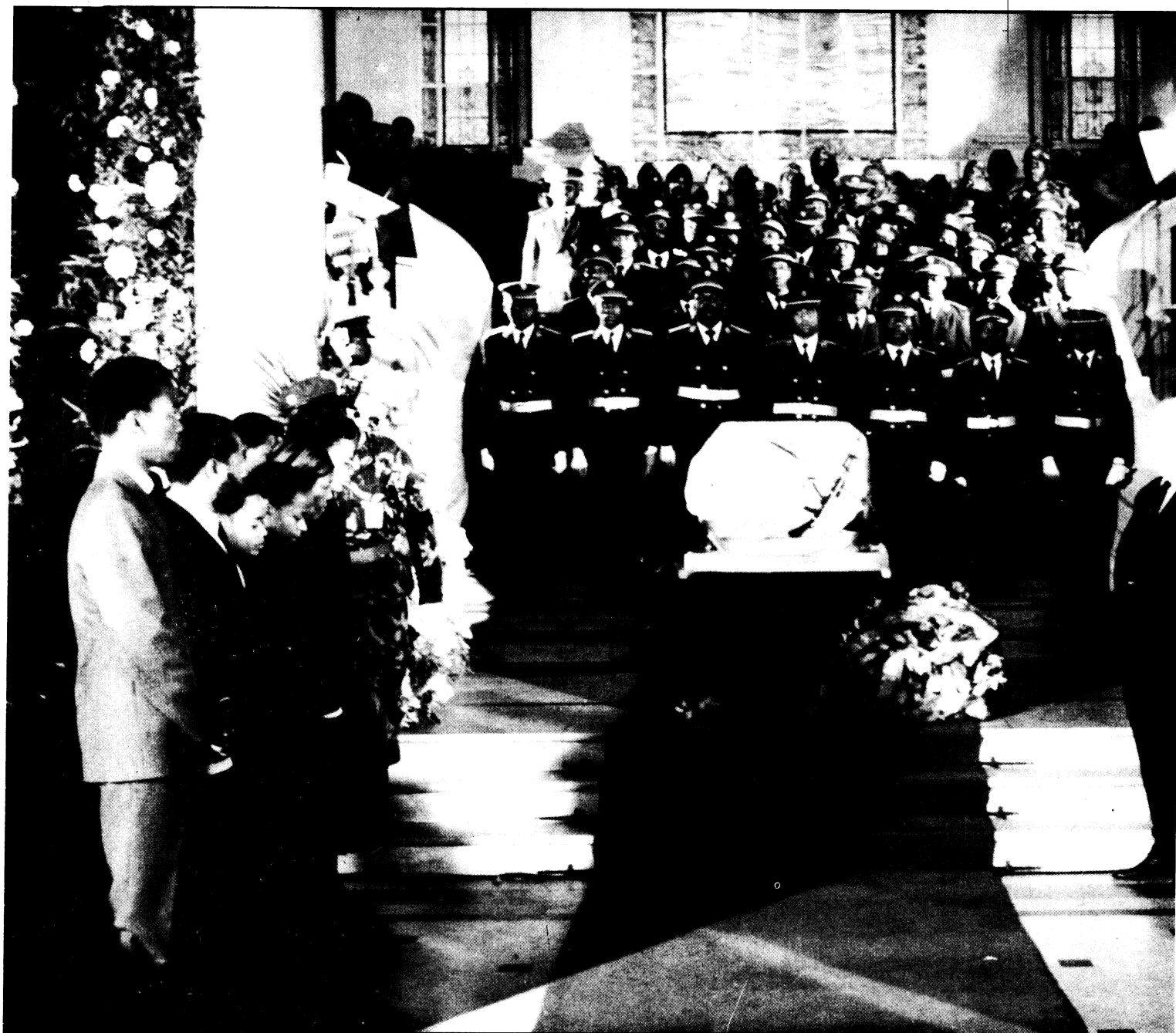




Tua vida é história

● *Elogio fúnebre lido por Marcelino dos Santos*



Coube a Marcelino dos Santos, proferir o elogio fúnebre de Samora Machel cuja vida evocou desde os primeiros anos. Marcelino dos Santos fez uma separação no tempo entre o momento em que «termina a história do menino que apascentava gado em Xilembene, do adolescente que estudou na Missão de S. Paulo de Messano, do jovem enfermeiro do Hospital Central Miguel Bombarda e do posto da Inhaca» que é o momento em que «começa a história do guerrilheiro, do combatente, do revolucionário, do dirigente que sabia encarnar, como nenhum outro os anseios e aspirações do seu povo», afirmando a seguir:

«Por isso, a partir de então, o teu destino confunde-se cada vez mais com o nosso destino colectivo, faz parte da vida de cada um de nós. A tua biografia confunde-se cada vez mais com o relato exaltante da nossa luta, a tua vida passa a ser História.»

Publicamos, a seguir, na íntegra, o elogio fúnebre:

Camarada Presidente,

Como falar de ti? Como evocar-te, tanto e tão bem como mereces, se ainda repercute em nós, insubstituível, o eco da tua voz amiga? Da tua voz, por vezes vibrante de emoção, outras carinhosa, sempre envolvente como o abraço dum pai, dum irmão, e quantas vezes com aquele tom de simplicidade e densidade humanas de que só tu tinhas o segredo da grandeza?

Como falar de ti, se era precisamente em ti que buscávamos as palavras mais adequadas, as ideias mais justas, para nos aproximarmos de nós próprios, da alma do povo, do coração do mundo?

Como falar de ti, Camarada Presidente, enquanto ainda vibra, no corpo do país inteiro, o espanto da tua viagem sem regresso?

Como dizer-te que nos recusamos a aceitar que não mais sentiremos o aperto forte da tua mão, mas que nos ficou a certeza do calor dessa mão amiga apoiada para todo o sempre nos ombros da nossa Pátria?

Que lágrimas chorar por ti, se durante a vida toda, ao longo dos sacrifícios, das duras caminhadas ao encontro da liberdade, não nos ensinaste a chorar?

Ensinaste-nos, sim, a transformar a dor em força redobrada, ainda mais poderosa que a razão das próprias lágrimas.

Incansável combatente, tombaste em luta contra o «apartheid».

Um imenso vácuo se abriu à nossa volta. A tua morte caiu sobre nós, súbita, envolveu os moçambicanos num manto pesado de dor e angústia. Contigo morreu uma parte de cada um de nós.

Vozes de todo o mundo, vozes de África, de todos os continentes, nos chegam de minuto a minuto. Revoltadas, buscando o inimigo que te roubou aos amigos. Lancinantes, clamando pela razão desta perda sem razão.



Vozes de todo o mundo, vozes de amigos, de admiradores, que tantos soubeste criar, por onde foste, por onde caminhaste. Vozes daqueles que te ouviram e conheceram os teus ideais, o teu amor pela paz, pelo progresso, pelo bem-estar de toda a humanidade.

Vozes de camaradas, de combatentes, que ainda lutam, que ainda morrem pela libertação dos seus povos, pela construção duma pátria.

Vozes de humilhados, de oprimidos dispostos a dar a vida para que nasça a liberdade, para que se imponha a dignidade.

Vozes de todo o mundo nos chegam e nos garantem que não nos abandonaste porque não morre quem tanto vive no coração de tantos amigos.

Representantes de povos de todo o mundo, amigos, camaradas, companheiros de combate aqui connosco te rodeiam no adeus que nunca será definitivo.

Sabemos-te ao nosso lado, vivo como nunca, e isso nos dá a coragem, a infinita coragem de continuarmos a nossa luta até à vitória final. Nunca mais tu partirás. Connosco estarás sempre em cada novo combate, em cada nova vitória.

Garantimos-te, Camarada Presidente: estamos fortes, unidos, seguros, determinados como nunca para o combate final contra os inimigos da Pátria moçambicana.

Camarada Presidente,

Em poucos homens, como em ti tão completamente se confunde a vida com a História do seu Povo.

Falar de ti, dos teus antepassados, da educação que recebeste na infância, é falar da tradição secular de resistência do nosso Povo ao colonialismo português.

Os teus primeiros anos foram povoados pelas memórias heróicas das guerras que Sochan-

gane, Muzila, N'Gungunhane, Maguiguane, travaram contra o invasor.

Teu pai falava-te das proezas do teu avô Malengani, soldado que combateu sucessivamente nos exércitos dos três reis de Gaza e em todos se distinguiu, recebendo por isso o cognome de Maghivelani. Falou-te, teu pai, da coragem indomável desse avô glorioso que não chegaste a conhecer: contou-te como o seu corpo estava marcado pelas cicatrizes honrosas dos ferimentos recebidos em inúmeras batalhas.

A pouca distância do local onde nasceste ergue-se, ainda hoje, a árvore frondosa à sombra da qual Maguiguane se sentava para receber aqueles que o visitavam.

Perto dali apascentaste, criança, o gado de teu pai. Ali participaste com os outros rapazes da tua idade, nas lutas entre pastores, lutas em que tradicionalmente se forjavam a coragem, o carácter, o espírito indómito dos jovens de um povo orgulhoso e guerreiro. Povo que nunca se submeteu, que sempre soube manter viva a chama da resistência contra o invasor e preparar-se para o momento de, uma vez mais, pegar em armas para expulsar o ocupante estrangeiro da nossa terra.

Nesta tradição cresceste. De teus pais aprendeste a vontade de ser livre e o direito inalienável à terra onde nascemos e que enriquecemos com o trabalho das nossas mãos e o suor do nosso rosto.

Eles te ensinaram também que, para vencer o colonialismo, não bastava saber lutar. Era preciso igualmente estudar, dominar as letras e os números, penetrar nos segredos da ciência e da técnica.

Estudar, para um moçambicano da tua geração, era em si uma luta que exigia a vitória em muitas batalhas. Nos obstáculos que o sistema colonial levantava ao teu desejo de estu-

«Vozes de
todo o mundo,
vozes de África,
de todos os
continentes,
nos chegam de
minuto a minuto.
Revoltadas,
buscando o inimigo
que te roubou aos
amigos.
Lancinantes,
clamando pela
razão desta
perda sem razão»



dar, conheceste as primeiras manifestações directas da discriminação e da injustiça profunda desse sistema que já roubara a teus pais a terra fértil que cultivavam.

Quando na ânsia de prosseguires os teus estudos, deixaste a terra natal, logo te confrontaram, primeiro em Xai-Xai, depois em Lourenço Marques, novas formas de exploração, discriminação e humilhação.

Em teu íntimo se foi fortalecendo e desenvolvendo a vontade inquebrantável de combateres contra o colonialismo. Aprendeste a tradição de luta e resistência do nosso Povo em todos os pontos de Moçambique. Ressoavam no teu coração os nomes de Bonga, Farelay, Mataca e de tantos outros heróis da resistência. Sofreste o sofrimento do nosso Povo, choraste os mártires de Xinavane e Mueda. Participaste no movimento nacionalista que nascia.

Acompanhaste, com apaixonada atenção, as lutas de libertação nacional no Congo-Leo-

onde queremos que cresçam felizes os nossos filhos.

Nesse momento fundiste o teu destino com o destino histórico do povo a que pertences, da Nação que ajudaste a nascer.

Termina a história do menino que apascentava gado em Xilembene, do adolescente que estudou na Missão de São Paulo de Messano, do jovem enfermeiro do Hospital Central Miguel Bombarda e do posto da Inhaca.

Nesse momento começa a história do guerrilheiro, do combatente, do revolucionário, do dirigente que saberia encarnar, como nenhum outro, os anseios e aspirações do seu povo. Por isso, a partir de então, o teu destino confundese cada vez mais com o nosso destino colectivo, faz parte da vida de cada um de nós. A tua biografia confunde-se cada vez mais com o relato exaltante da nossa luta, a tua vida passa a ser História.

Falar de ti, a partir de então, é contar a



«Em ti tivemos o dirigente que assumiu corajosamente a necessidade profunda de resolver os problemas políticos no seio da Frente para que a luta pudesse avançar vitoriosamente.»

poldville, na Argélia e no Vietname, as primeiras independências africanas.

Sabias que também a nossa hora estava próxima e preparavas-te para ela.

Quando Mondlane e outros patriotas fundaram a FRELIMO aderiste imediatamente e foste dos primeiros a seguir para a Tanzânia. Um novo e exaltante capítulo se abria então na História do nosso Povo. Um novo capítulo se abria também na tua vida. Deixavas para trás a família, os amigos, a própria terra que te vira nascer. Abandonavas a segurança de uma profissão, o estatuto relativamente favorecido que já alcançaras no contexto da sociedade colonial.

Deixavas tudo isso, sem um momento de hesitação, para seguir um sonho. Sonho que já havia sido dos teus pais e avós, que era o de milhões de moçambicanos, que era o sonho de um povo inteiro: o de vermos outra vez livre a terra onde morreram os nossos antepassados e

História da FRELIMO, a História de Moçambique.

É recordar como os primeiros grupos de jovens seguiram para o treino na Argélia, fazendo ao Povo a dádiva generosa da sua juventude.

É, ao mesmo tempo, evocar como, desde o primeiro momento, sentimos em ti a diferença, como as tuas qualidades te fizeram destacar de todos os outros até todos te reconhecermos como o melhor entre os melhores.

Das ideias fecundas de Mondlane foste o mais fiel intérprete, foste o realizador mais dinâmico e criativo. Foste, em todos os momentos, em todas as crises, o mais intransigente defensor da linha correcta e revolucionária no seio da organização.

Por isso, a FRELIMO te foi atribuindo tarefas de cada vez maior responsabilidade.

E quanto maior era a responsabilidade mais crescias, primeiro à altura dela e depois para

«Foi do povo a luta pela independência. Do povo dos operários e camponeses, devia ser o Estado. A construção do Estado, tu a concebeste e dirigiste como a extensão a todo o país do poder popular que nascera nas zonas libertadas, das conquistas revolucionárias que ali desabrocharam»



te tornares maior do que ela. Cresceste com a FRELIMO, cresceste à medida do crescimento da consciência do Povo. Fizeste crescer a FRELIMO, contigo crescemos todos.

Combatente da primeira hora, lançaste a semente do exército guerrilheiro que libertou o País. Em Kongwa, sob a tua direcção, iniciou-se o longo processo de formação do homem para ganhar a guerra.

Formaste soldados, transformaste homens sem preparação em combatentes conscientes pela libertação da nossa Pátria.

Quando necessário, assumiste pessoalmente o seu comando na abertura de novas frentes, na consolidação de outras, no aprofundamento da guerra popular.

Sempre encaraste a formação do combatente no sentido mais amplo. Para ti, formar soldados não era apenas ensinar-lhes a disciplina, a táctica e a ciência militares.

Era, essencialmente, formar homens conscientes dos objectivos da luta, claros quanto à definição do inimigo. Homens com uma moral revolucionária, com um comportamento exemplar, com relações irrepreensíveis com o Povo.

Homens com espírito criador, capazes de construir, de produzir a partir da terra os bens essenciais à vida, misturando, como dizias, a inteligência com o matope.

Foste, desde a primeira hora, um defensor intransigente dos direitos e da dignidade da mulher. Foste dos primeiros a compreender que a libertação da mulher era uma condição fundamental do triunfo da Revolução, e que a mulher só se libertaria engajando-se na tarefa principal.

Veio a criminoso e cobarde acção inimiga que nos roubou o nosso primeiro Presidente. Foi então para ti que todos nos voltámos, foi em ti que todos reconhecemos o novo chefe que, gerado e forjado na própria luta, seria capaz de prosseguir a obra imorredoura de Mondlane e conduzir o combate até à vitória final.

Por isso te escolhemos para Presidente.

Em ti tivemos o dirigente que assumiu corajosamente a necessidade profunda de resolver os problemas políticos no seio da Frente para que a luta pudesse avançar vitoriosamente. Fizeste-nos compreender a importância do comportamento exemplar como factor determinante que nos demarca do inimigo. Foste o principal obreiro da mudança qualitativa que transformou a Luta Armada de Libertação Nacional em Revolução.

Tu eras o combatente sem compromissos, o homem sem preconceitos, o dirigente que só tinha por inimigos os inimigos do Povo. Por isso tinhas a autoridade política e moral para apontar os erros, denunciar os desvios, propor soluções e aplicá-las mesmo quando elas tinham de ser duras e difíceis. Ensinaste-nos que também no corpo político é preciso raspar as feridas para que elas não infectem e contaminem tudo à sua volta.

Tu foste o grande mobilizador dos combatentes e do povo para o desenvolvimento permanente da luta. Sob a tua direcção, os combatentes assumiram profundamente o amor e o respeito pelo povo e eram, por isso, os seus filhos mais queridos.

A unidade baseada em princípios claros, a coerência política e ideológica, a disciplina conscientemente assumida impuseram a FRELIMO à admiração do mundo inteiro.

Em ti tivemos o chefe, o camarada, o amigo que soube ganhar a admiração, o respeito e o amor de cada militante e de todo o Povo.

Em ti tivemos o estratega político e militar que nos guiou à vitória sobre um colonialismo poderoso e antigo de cinco séculos.

A notícia alegre da vitória tu a levaste pessoalmente ao povo, do Rovuma ao Maputo. E do Rovuma ao Maputo, nas bases guerrilheiras, nas zonas libertadas, nas vilas e nas cidades, o povo inteiro, unido como um só homem, com uma só voz falando nas nossas muitas línguas,

te recebeu e aclamou libertador, chefe indiscutível e amado, num imenso e jubiloso plebiscito.

Eram os momentos exaltantes da vitória. Na alvorada luminosa da independência era preciso começar a construir o Estado moçambicano.

Sempre os teus olhos, atentos às realidades do presente, abarcavam as perspectivas do futuro. Inabalavelmente certo da vitória sobre o colonialismo, procuraste no processo da luta, na vida nova que surgia nas zonas libertadas, nas razões profundas do combate e nas aspirações mais caras do povo, a natureza que devia ter o Estado a construir depois da vitória.

O essencial da Constituição da República Popular de Moçambique estava contido nas obras que escreveste durante a Luta Armada de Libertação Nacional, é produto da nossa prática colectiva iluminada pelo teu pensamento revolucionário e genial.

Durante a luta disseras: a nossa arma principal é a unidade. A Pátria que concebeste é a Pátria de todos os moçambicanos, a Pátria da igualdade acima da raça, da cor, da tribo, da etnia, do sexo e da crença.

Tu próprio eras o mais importante elemento dinamizador da unidade nacional, és o símbolo imperecível da moçambicanidade. Recordaremos sempre como apontavas a nossa bandeira e afirmavas com orgulho: esta bandeira cobre-nos a todos.

Nunca esqueceremos como te referias ao anti-racismo da nossa sociedade e declaravas: esta é a nossa arma sofisticada.

Elevaste o combate ao racismo à dimensão de uma componente fundamental do nacionalismo africano.

Para ti não se tratava apenas de aceitar a colaboração de cidadãos de todas as raças. Ensinaste-nos que em nenhum continente as nações podem ser definidas em termos raciais.

O anti-racismo não tinha, para ti, a dimensão limitada de uma tática: era um princípio em que nunca transigiste. Hoje na nossa Pátria, homens de todas as raças partilham plenamente dos mesmos direitos e obrigações.

Foste um inimigo implacável do tribalismo e do regionalismo. Diziás: é preciso matar a tribo para que a Nação possa nascer.

Sabias ver, em todas as manifestações de tribalismo ou regionalismo, outras tantas lanças apontadas ao coração do nosso Povo. Identificavas em todas elas o veneno corrosor da nossa arma mais valiosa — a unidade.

Ensinaste-nos que, por detrás do racismo, do tribalismo e do regionalismo esconde-se sempre o rosto mesquinho da ambição. Ambição que, tantas vezes, leva ao crime e à traição.

Estas concepções reflectiam-se não só nas tuas posições políticas mas também na forma como, completamente despoído de preconceitos, te relacionavas com pessoas de todas as tribos e de todas as raças, na escolha das tuas amizades, em toda a tua vida pessoal.

Em cada homem, vias exclusivamente as suas qualidades concretas. No homem, a sua dimensão universal.

Durante a luta disseras: não lutámos para mudar a cor dos exploradores, para substituir a opressão estrangeira por uma opressão nacional.

Foi do povo a luta pela independência. Do povo, dos operários e camponeses, devia ser o Estado. A construção do Estado, tu a conce-

«Firme no comando da guerra contra o banditismo, na defesa da independência e soberania da nossa Pátria Socialista, procuraste sempre os caminhos justos da paz para o nosso povo e para os outros povos da nossa região»



beste e dirigiste como a extensão a todo o país do poder popular que nascera nas zonas libertadas, das conquistas revolucionárias que ali desabrocharam. Sob a tua direcção, a terra foi devolvida ao povo, a educação deixou de ser privilégio de poucos, os hospitais e os prédios abriram-se aos moçambicanos, a justiça tornou-se popular.

Os mecanismos de opressão, de humilhação, de exploração e de discriminação gerados pelo colonialismo foram derrubados. Guiados pelo teu pensamento e pela tua acção, edificámos o Estado popular, democrático, instrumento do povo para a materialização das suas aspirações mais profundas: a liberdade, a paz, o progresso, a justiça social.

Durante a luta de libertação nacional, insistias que devíamos contar antes de mais com as nossas próprias forças, caminhar sempre sobre as nossas próprias pernas. Desse modo, ensinavas, crescemos de pequenos para grandes, de fracos para fortes.

Assim também, concebeste o modo de enfrentarmos as tarefas gigantescas da reconstrução nacional. A tua voz mobilizava poderosamente o nosso povo. Ensinavas a planificação e organização. Contigo aprendemos a vencer os complexos, a tomar nas nossas mãos o destino da Pátria, a construção do futuro.

Mãos moçambicanos, sob o impulso do teu encorajamento, aprenderam a manejar o tractor, o guindaste, a locomotiva, a fazer funcionar a fábrica, a operar a autocombinada, a empunhar o bisturi.

Definiste as grandes linhas de combate contra o subdesenvolvimento.

O teu sonho maior, a tua preocupação dominante, era o bem-estar e a felicidade do nosso povo. Ensinaste-nos que a batalha principal do desenvolvimento se trava no campo, que como durante a luta de libertação, a nossa base principal de apoio, são os camponeses.

Traçaste as orientações para a organização da nova vida no campo. Sob o impulso da tua direcção, nasceram em todo o País as aldeias comunais, desenvolveu-se a vida colectiva e organizada.

Sempre fiel ao teu princípio de que no detalhe está o segredo da vitória era frequente a tua atenção aos projectos económicos, a todos os sectores vitais para o desenvolvimento do nosso País.

Ensinaste-nos que a política deve estar sempre no posto de comando.

Da natureza da luta, das aspirações do povo, da experiência de organização da vida nas zonas libertadas, retiraste a definição da sociedade que a elas corresponde. Uma sociedade sem exploração, uma sociedade de homens livres e iguais. Uma sociedade socialista. Para este novo objectivo nos guiaste.

Sob a tua direcção criámos o Partido Frelimo, vanguarda das classes trabalhadoras moçambicanas.

Sob a tua direcção formulámos, na síntese da experiência de luta do Povo moçambicano e dos princípios universais do marxismo-leninismo, a ideologia do nosso Partido. Ideologia profundamente enraizada na história e nos valores do nosso Povo, torjada no combate contra a opressão e a exploração.

Durante a luta de libertação, sempre, mesmo nos momentos mais acesos do combate, lembravas que a guerra era uma imposição do inimigo, que a travávamos para estabelecer a paz na nossa terra.

Guerrilheiro valoroso, estratega de génio, comandante firme, foste sempre um lutador incansável pela paz. Sabias que a guerra não é a vocação, não pode ser o destino dos povos. Herói comandante de heróis no combate armado, anunciavas emocionadamente os heróis futuros do combate pacífico pelo desenvolvimento, pelo progresso, pela prosperidade do povo.

As Forças Armadas de Moçambique (FPLM), que criaste e comandaste concebeste-as exclusivamente para a defesa da nossa Pátria, para a garantia da nossa independência e soberania, para a preservação da integridade territorial do nosso País.



«Saberemos vencer. Saberemos derrotar esta dor profunda e olhar em frente. Tu definiste os alvos do nosso combate, ensinaste-nos a empunhar as armas. Vamos ter mais força ainda, vamos crescer desta raiva que sentimos por te terem roubado ao nosso convívio»



«Na voz dos nossos continuadores — «flores que nunca murcham», como tu lhes chamavas» — o teu nome será recordado com infinita ternura. Serás para sempre o Papá Samora

Marechal da República, as missões que conferiste aos nossos soldados sempre tiveram como objectivo restaurar a paz violada e impedida pelas forças da guerra e da agressão. Sempre, sob a tua direcção, os nossos soldados empunharam as armas da liberdade, da justiça, da solidariedade.

Com essas armas derrotámos o agressor rodesiano. Com elas enfrentamos hoje as hordas criminosas dos bandidos armados, com elas os venceremos também.

Firme no comando da guerra contra o banditismo, na defesa da independência e soberania da nossa Pátria socialista, procuraste sempre os caminhos justos da paz para o nosso povo e os outros povos da nossa região.

Sentiste sempre no humanismo do teu grande coração, soubeste sempre na lucidez da tua clara inteligência que a paz é a condição fundamental da felicidade dos povos.

Foi esta mensagem que levaste a todos os quadrantes do mundo quando incansavelmente participavas na procura de soluções para os conflitos e defendias com energia e dinamismo a cooperação fraterna entre as nações.

O mundo conhece o Povo moçambicano, a nossa personalidade, os nossos anseios mais caros, as nossas realizações e conquistas principalmente por teu intermédio.

A tua acção internacional, acção de grande dirigente revolucionário, de estadista de estatura universal, afirmou o Partido Frelimo e o Estado moçambicano em todo o mundo.

O teu nome está e permanecerá ligado indissoluvelmente às causas mais importantes, às lutas fundamentais dos povos na nossa época. Nunca será possível estudar a luta anticolonial e anti-imperialista sem estudar o teu pensamento e a tua acção.

A África reconheceu em ti um dos seus filhos mais brilhantes e mais dedicados à causa da sua libertação e da unidade africana.

Em momentos decisivos, a tua voz levou à Organização de Unidade Africana a defesa firme dos princípios, o enunciado corajoso das posições correctas.

Compreendeste profundamente que a luta de libertação nacional dos países africanos não se completava com a conquista da independência política. Defendeste com energia e persistência o desenvolvimento da cooperação entre os países africanos como alimento indispensável da sua unidade e instrumento essencial da libertação de África.

No relacionamento fraterno com Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe, soubeste contribuir para que os laços forjados na luta de libertação nacional, se tornassem elemento dinamizador do nosso desenvolvimento e da nossa acção diplomática.

Na África Austral, com os teus companheiros da Linha da Frente e da SADCC, que aqui também estão contigo, soubeste combinar o apoio activo à luta dos povos oprimidos e o desenvolvimento da cooperação regional, como armas fundamentais do combate pela independência total da nossa região.

Materializavas sempre na tua acção internacional os nobres ideais de independência, paz, desenvolvimento e igualdade dos povos do Movimento dos Países Não-Alinhados. Na memória do mundo estão bem vivas as palavras vibrantes que em defesa destes ideais pronunciaste em Harare.

Forjaste e valorizaste as nossas relações de amizade e solidariedade com todos os Países Socialistas. No interesse da Pátria levaste Moçambique a relacionar-se com todos os países pela causa da paz, da liberdade, da cooperação e do progresso.

Sempre combatestes consequentemente o «apartheid». Encaravas o «apartheid» como um problema que diz respeito a toda a humanidade porque compreendeste que é o próprio con-

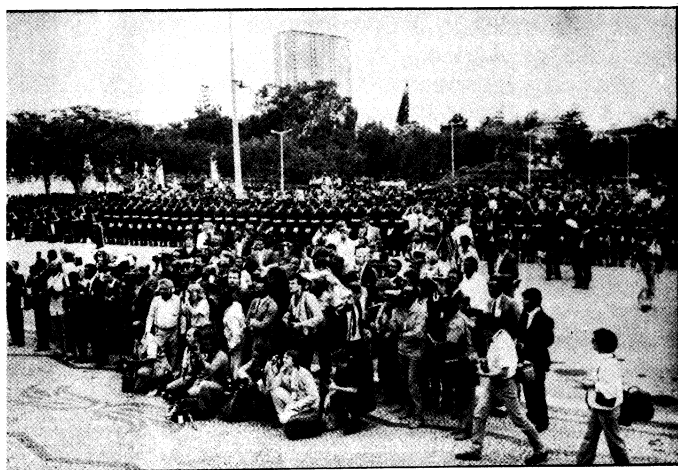
ceito de humanidade que se joga na África do Sul. Odiavas profundamente o sistema racista. Consideravas a destruição do «apartheid» como a libertação política de todo o povo sul-africano, da maioria oprimida e da minoria branca, aprisionada em grades de medo por ela própria construídas. Por isso dizias que só quando todos subissem ao topo da montanha da igualdade poderiam ver a beleza do seu país e do povo sul-africano.

A morte não permitiu que visse esse teu ideal cumprido. Mas a história provará a tua razão, que nem todos puderam ainda compreender.

Camarada Presidente,

Tombaste num momento crucial, difícil da nossa História. A agressão prolongada contra o nosso País provocou já feridas profundas. Não temos a tranquilidade de que necessitamos para reconstruir a nossa terra. Sofremos ainda a fome. Os esforços que empreendemos para refazer a produção são constantemente sabotados pelos nossos inimigos. Temos ainda a nudez, a doença, a ignorância, o atraso deixado pela dominação colonial.

Contigo tínhamos a certeza de remover os obstáculos. Contigo desconhecíamos o medo, a dúvida, a vacilação. Contigo tudo era possível. Tu eras a certeza, eras o caminho.



Agora teremos de aprender a prosseguir. Saberemos continuar a luta, Camarada Presidente. Porque a tua dimensão não se extingue. Ficaste connosco, com cada um dos moçambicanos. Permaneces vivo, presente. Deste forma e conteúdo ao nosso futuro. Superaste a condição do tempo e, por isso, continuarás guiando a nossa luta, a nossa esperança.

Saberemos vencer. Saberemos derrotar esta dor profunda e olhar em frente. Tu definiste os alvos do nosso combate, ensinaste-nos a empunhar as armas. Vamos ter mais força ainda, vamos crescer desta raiva que sentimos por te terem roubado ao nosso convívio.

Faremos mais forte o Partido Frelimo, a vanguarda que tu sabias ser condição de todos

«O soldado via
em ti o Comandante-
-Chefe mas
também o irmão
mais velho a quem
obedecia por
respeito,
confiança e
admiração»



os triunfos. Aprofundaremos o papel dirigente do Partido em cada local, em cada sector.

Cumprindo as tuas orientações, fortalecemos o nosso exercício, passaremos à ofensiva permanente. As nossas Forças de Defesa e Segurança vão crescer em organização, preparação, disciplina e combatividade. Como tanto querias, faremos renascer Nachingwea em cada centro de preparação político-militar. O nosso soldado será cada vez mais um modelo de comportamento, coragem, respeito pelo povo. Os nossos soldados prosseguirão o exemplo dos heróicos guerrilheiros que sob o teu comando derrotaram o exército colonial.

Liquidaremos o banditismo armado, a agressão externa.

Temos bem vivas na memória as directivas claras que nos deixaste em vésperas da tua partida. Os objectivos que definiste serão alcançados.

As estradas ficarão livres dos criminosos e salteadores. As aldeias comunais deixarão de ser massacradas. Nas escolas as crianças jamais conhecerão o terror. Os hospitais que construimos não serão destruídos. O nosso povo conhecerá a paz e a tranquilidade. Tudo isto alcançaremos porque somos um povo cuja unidade o teu sangue consolida e a tua memória fortalece. E aqueles que vierem depois de nós saberão orgulhar-se destes anos heróicos. A luz do teu exemplo manter-se-á como fonte de inspiração, motivo de orgulho e renovada confiança.

Vamos desenvolver as nossas organizações democráticas de massas, os braços do Partido.

As mulheres moçambicanas, a quem sempre dedicaste um carinho e uma atenção especiais, saberão corresponder à tua constante

preocupação, empenhando-se ainda mais no processo da sua total emancipação.

Para a juventude moçambicana, continuará a ser o modelo a seguir. Mais do que nunca, a seiva da Nação, como a chamavas, revigorará o corpo da Pátria.

Na voz dos nossos continuadores — «flores que nunca murcham», como tu lhes chamavas — o teu nome será recordado com infinita ternura. Serás para sempre o Papá Samora.

Os nossos sindicatos, as organizações sócio-profissionais que nasceram da tua iniciativa não esmorecerão com o teu desaparecimento físico. O mais importante, dizias, é organizar. A vitória prepara-se, a vitória organiza-se. A parte mais difícil, tu já a realizaste. Deste-nos os instrumentos e a ciência de os tornar eficazes. Nós seremos fiéis ao teu empenho, à tua orientação.

Prosseguiremos a construção das estruturas do Poder Popular, as Assembleias do Povo. Cada Assembleia será mais eficaz, mais funcional. Os deputados terão tarefas concretas, participarão nas frentes da economia, da cultura, do ensino, da saúde, da produção.

Praticaremos a tua maneira extremamente humana de estar na vida. Para ti, os outros mereciam sempre toda a atenção. Ninguém era anónimo.

Para ti, nenhum problema humano era pequeno. Apesar de todas as preocupações e responsabilidades de estadista, ocupavas-te pessoalmente de inúmeros casos individuais que a confiança do povo trazia ao teu conhecimento.

O teu gesto firme era ao mesmo tempo carregado de ternura e simpatia humana.

Foram sempre profundas as amizades que cultivaste. O povo inteiro via em ti um verdadeiro pai. Governar era, para ti, uma forma de amar. Por isso eras tão amado por todos.

O soldado via em ti o Comandante-em-Chefe mas também o irmão mais velho a quem obedecia por respeito, confiança e admiração.

Colheremos esse teu exemplo de inextinguível humanismo. Servir o povo será para nós, como para ti, um acto de amor.

Foste um dirigente único: estavas na rua, na fábrica, no quartel.

Não esperavas o relatório, os gabinetes não te limitavam. Nenhum formalismo te impedia o contacto directo com o povo, com a vida. Não havia outra prioridade: os problemas do povo eram sempre a primeira preocupação.

Foste implacável para com a prepotência, a injustiça. Denunciaste a ilegalidade mesmo quando ela partia de dentro das nossas estruturas.

Saberemos impor o respeito da legalidade, combateremos a arrogância, a arbitrariedade.

Ensinaste-nos a grandeza do nosso País, estimulaste o orgulho de sermos moçambicanos. Encorajaste-nos a compreender como a nossa sociedade é complexa, a respeitar a diversidade, que é a riqueza da nossa cultura.

Com o teu próprio exemplo, ensinaste um método de direcção, uma maneira nossa de exercer o poder. Nós colhemos o teu ensinamento. Na República Popular de Moçambique o Poder será exercido dessa forma viva e envolvente.

Estaremos sempre onde se combate, onde se produz, onde se constrói.

Saberemos odiar tanto como tu odiaste os traidores da nossa causa revolucionária.

Saberemos apontar as armas também para dentro, saberemos neutralizar aqueles que enriquecem com a miséria dos outros. Aplicaremos os princípios da nossa opção socialista, resolveremos os problemas do povo.

Estamos armados do teu exemplo. Estamos armados das nossas irreversíveis conquistas. Ainda que assediados pela guerra, fomos capazes de fazer da unidade uma fortaleza inexpugnável.

Somos já moçambicanos, cidadãos sem raça, sem tribo, sem distinção de origem ou de crença. Somos um povo que ascendeu à consciência do seu lugar e do seu papel na História.



«Somos já moçambicanos, cidadãos sem raça, sem tribo, sem distinção de origem ou de crença. Somos um povo que ascendeu à consciência do seu lugar e do seu papel na História»



«Assumimos aqui
o compromisso solene
de prosseguirmos
a tua obra,
de continuarmos fiéis
ao teu exemplo
de homem
e de combatente»

Não abdicaremos dos nossos princípios internacionalistas. Manteremos inalterável o apoio solidário à luta contra o racismo, o colonialismo e a opressão. A República Popular de Moçambique continuará a ser retaguarda segura da luta dos outros povos. Nenhuma força, nenhum obstáculo será capaz de nos desviar do caminho que contigo traçámos.

Graça,
Juscelina,
Edelson,
Olívia,
Ornila,
Ntewane,
Samito,
Josina,
Malengane,
Família Machel,
Camarada Graça Machel, querida Irmã:

Soubeste assumir os sacrifícios impostos pelas múltiplas tarefas que a Revolução vos atribuiu. Soubeste dividir-te entre as responsabilidades do Estado e as obrigações de Esposa e Mãe.

Transformaste o vosso lar no recanto harmonioso onde o nosso dirigente recobrava as forças para novas batalhas.

Soubeste, exemplarmente, assumir-te não só como esposa do Chefe do Estado mas também como a companheira de um homem de dimensão universal, amado pelo seu povo e respeitado e admirado em todo o Mundo.

A nossa revolução continua a necessitar da tua dedicação, da tua inteligência, da tua capacidade de mobilizar quadros e militantes.

Sabemos que nada pode minorar a imensa ausência que sobre a tua vida se abateu.

Mas sabemos também que empunharás connosco a arma de Samora para prosseguir a luta.

Camarada Graça, querida irmã: estamos contigo nesta hora dolorosa, contigo estaremos sempre.

Queremos dizer-te que os teus filhos são os nossos filhos. Em cada uma das nossas famílias tens uma família, em cada moçambicano um irmão.

Aos filhos, aos irmãos, a todos os membros da família Machel, queremos dizer que o Povo moçambicano, do Rovuma ao Maputo, partilha da vossa imensa dor.

O Camarada Presidente deu-nos o exemplo de que é à sombra da família que o homem aprende a amar a Pátria e a respeitar a sociedade.

O Camarada Presidente era o chefe da vossa família. Mas era também o chefe de toda a família moçambicana. Por isso choramos todos o nosso Pai, o nosso irmão, o nosso tio.

As vossas lágrimas são nossas lágrimas.

Que a coragem do Povo, nesta hora de dor, seja também a vossa coragem.

Presidente Samora,

Assumimos aqui o compromisso solene de prosseguirmos a tua obra, continuarmos fiéis ao teu exemplo de homem e de combatente.

Juramos defender, com as nossas próprias vidas, cada palmo de terra da nossa Pátria sagrada.

Juramos consolidar cada vez mais a unidade nacional, arma e instrumento da vitória.

Juramos construir o Moçambique que sonhaste, o país desenvolvido e próspero, a Pátria Socialista moçambicana.

São nossos os teus sonhos. É nossa a tua luta.

Camarada Presidente,

Chegou o momento mais difícil para todos nós, o momento da despedida.

Mas, à terra entregamos apenas o teu corpo. Tu ficas connosco.

Nunca te diremos adeus. Um povo não pode despedir-se da sua História. **SAMORA VIVE!**

A LUTA CONTINUA!